



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde
PGPDS



**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO, EDUCAÇÃO
E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB**

FAMÍLIA E ESCOLA:

Uma Relação Dialógica Essencial para o Processo de Inclusão

VIVIANE ORLANDI RIBEIRO

ORIENTADORA: Linair Moura Barros Martins

BRASÍLIA/2011



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde
PGPDS



VIVIANE ORLANDI RIBEIRO

FAMÍLIA E ESCOLA:

Uma Relação Dialógica Essencial para o Processo da Inclusão

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão, da Faculdade UAB/UNB - Pólo de Ceilândia. Orientadora: Professora Linair Moura Barros Martins.

BRASÍLIA/2011

TERMO DE APROVAÇÃO

VIVIANE ORLANDI RIBEIRO

FAMÍLIA E ESCOLA

Uma Relação Dialógica Essencial para o Processo de Inclusão

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em 16 / 04 / 2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

LINAIR MOURA BARROS MARTINS (Orientadora)

MÁRCIA CRISTINA LIMA PEREIRA (Examinador)

VIVIANE ORLANDI RIBEIRO (Cursista)

BRASÍLIA/2011

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia a todos os profissionais que valorizam a participação da família no processo de desenvolvimento e às famílias de alunos com necessidades educacionais especiais que precisam construir uma caminhada a cada dia

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à minha família: meus pais, meus irmãos, meus filhos, que formam uma rede de apoio significativamente saudável no percurso de minha vida.

Ao meu esposo, em especial, tamanho companheirismo, carinho e apoio essencial em todos meus propósitos.

Às tutoras durante o curso, em especial à professora tutora Linair Moura Barros Martins, que com tanta dedicação, paciência e insistência acreditaram no meu potencial.

Às instituições envolvidas nesta formação: UnB UAB, MEC.

À SEEDF que faz de minha jornada de trabalho um laboratório, onde desenvolvo a alma pesquisadora e promovo novo olhar para a aprendizagem e desenvolvimento, quando atendo à diversidade.

E sempre a Deus, pelas oportunidades da vida, em lidar com o ser humano em sua plenitude.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estudar a influência exercida pelas relações estabelecidas entre os pais e professores no processo de escolaridade das crianças com necessidades educacionais especiais. Para analisar os elementos da relação família - escola que favoreçam o desenvolvimento dos alunos com necessidades educacionais especiais, refletiu-se e questionou-se como pais e professores interagem, com qual intuito mantêm contato e como se deixam influenciar com a contribuição que o outro tem a dar. Estas reflexões possibilitam ressignificarmos o valor dos vínculos estabelecidos no processo de inclusão, os conceitos de aprendizagem, as metodologias adotadas e a valorização do aluno em seu potencial. Também pontua a contribuição que a família dá ao perceber potencialidades a se desenvolver nos alunos e ao informar como seus filhos são capazes de realizar atividades que subsidiam ações para aprendizagem e, assim, nós professores adequarmos as metodologias a partir de histórias de sucesso. Além disso, a escola pode ser uma rede de apoio com informações esclarecedoras das limitações conforme as deficiências e de utilizar estratégias para a aprendizagem. Com isso, possibilita aos pais a ressignificarem suas emoções frente o filho com necessidades educacionais especiais. A construção de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas a pais e professores de alunos com necessidades educacionais especiais e a análise de dados foi qualitativa. A fundamentação teórica baseia-se na perspectiva sócio-histórica de Vigotski. Conclui-se, por fim que muito temos que caminhar para que esta relação dialógica contribua para a escolarização dos alunos com necessidades educacionais especiais.

Palavras chaves: relação dialógica, desenvolvimento humano, inclusão, relação família/escola.

SUMÁRIO

Apresentação	7
I- Fundamentação Teórica	11
1.1- Desenvolvimento Humano	11
1.2- Interação entre pais e professores	16
II- Objetivos	21
2- Objetivos	21
2.1- Objetivo Geral	21
2.2- Objetivos Específicos	21
III- Metodologia	22
3.1- Fundamentação Teórica da Metodologia	22
3.2- Contexto de Pesquisa	22
3.3- Participantes	23
3.4- Materiais	25
3.5- Instrumentos de Construção de Dados	25
3.6- Procedimentos de Construção de Dados	25
3.7- Procedimentos de Análise de Dados	26
IV- Resultados e Discussão	27
Discussão	35
V- Considerações Finais	39
Referências	41
Apêndices	44
Roteiro de entrevista- família	44
Roteiro de entrevista- professor	46
Convite aos pais	48
Anexos	49
Carta de Apresentação à DRE	49
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	51

APRESENTAÇÃO

A relação estabelecida entre a família e a escola é essencial para o desenvolvimento do aluno. A comunicação entre esses segmentos é fonte de informações que podem potencializar as ações que constituem estes sistemas. Ressalta-se a importância de tal troca para o processo de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais.

A participação da família no processo escolar é fundamental, podendo construir com a escola uma rede de apoio mútuo, fortalecendo as relações e ampliando as estratégias que possibilitam o desenvolvimento de seus filhos com necessidades educacionais especiais.

Os pais necessitam de orientação. Precisam que a escola os ajude com informações sobre as deficiências, sugestões de atividades que possam realizar com seus filhos e, além disso, precisam abordar os sentimentos gerados pelo nascimento de uma criança com necessidades especiais. Sentimentos primeiramente de culpa, frustração, ansiedade e angústia.

Com a chegada desta criança, a família tende a desestruturar-se, vivendo momentos de crise. O grupo familiar encontra-se frente a uma situação contraditória: preparar-se para oferecer os cuidados básicos que esta pessoa necessita e, ao mesmo tempo, lidar com sentimentos de incapacidade tão intensos.

O impacto da situação deixa clara a importância de um trabalho de fortalecimento e flexibilização da dinâmica familiar para a promoção do desenvolvimento global e inclusão social desse indivíduo.

A escola pode ser um ambiente que oportunize tais situações, atendendo à diversidade social, acolhendo os anseios, proporcionando mudanças de paradigmas, num processo de crescimento mútuo.

Apesar da universalização dos direitos e de oferta de serviços, poucas pesquisas têm sido feitas com as famílias de crianças com necessidades especiais, no que se refere aos seus papéis sociais, às suas dificuldades emocionais e ao processo do desenvolvimento de seus filhos.

Conforme tratam a Declaração Universal dos Direitos Humanos e a Constituição Brasileira: “Toda criança tem direito à educação”. A Carta Magna indica

que o atendimento inclusivo e especializado seja realizado preferencialmente nas escolas públicas do país. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva/ 2008 prevê o atendimento especializado inclusivo a partir da Educação Infantil. Tais políticas públicas garantem a inclusão em ambientes comuns, dando suporte para o desenvolvimento das potencialidades e oportunizando a convivência com o outro. Por fim, estimulando as habilidades sociais, acadêmicas e emocionais.

Diante de tal quadro, o papel do professor é fundamental. Ele necessita estar atualizado e capacitado para minimizar os sentimentos negativos, promover orientações e esclarecimentos sobre as capacidades do filho especial, bem como buscar novas e variadas alternativas metodológicas. Porém, muitas vezes, as orientações pouco atendem às necessidades, tampouco estimulam as potencialidades dos sujeitos em desenvolvimento. Fica claro que precisam buscar informações que subsidiem ajustes necessários para o desenvolvimento de potencialidades do sujeito. O professor mais capacitado será capaz de interagir com a família e juntos construirão as etapas para o sucesso deste trabalho.

A Instituição Escolar deverá ter sua ação orientada a partir de um Projeto Político Pedagógico inclusivo, pontuando a participação da família no contexto escolar. Ao atender a diversidade cultural, potencial e de formas de aprender, contemplará as diversas formas de desenvolvimento humano.

Em minha jornada de atendimentos às famílias dos alunos com necessidades educacionais especiais na equipe especializada de apoio à aprendizagem, observo que as histórias de alunos que tiveram maior sucesso pessoal estão vinculadas à qualidade da relação entre professores e famílias. Por isso, questiono: como é a relação entre os educadores e os pais dos alunos com necessidades educacionais especiais? Os professores dizem para os pais sobre as dificuldades que eles enfrentam em preparar as atividades pedagógicas? Qual é o maior enfoque do professor? E qual é o maior desejo da família?

Quando a escola intervém junto aos genitores, respeitando as potencialidades dos alunos, oferecendo recursos educacionais, a família passa a acreditar que seu filho possa constituir-se como sujeito autônomo e íntegro.

As mudanças de paradigmas, os ajustes e planejamentos a partir da potencialidade do aluno com necessidades educacionais especiais são processos em construção. O papel da escola tem se reestruturado para atender a diversidade do alunado.

Nesse contexto, como os professores desempenham seu papel? Qual a participação da família neste processo? Ocorre a interação, o momento de diálogo entre os atores do desenvolvimento, ou seja, entre os docentes e família? As instituições escolares utilizam estratégias de apoio? Apostam nas potencialidades dos alunos e a partir daí planejam suas atividades? Oferecem recursos para o desenvolvimento pleno? Os professores modificam suas metodologias para atenderem seus alunos? Ou permanece um monólogo, onde a escola dita o que e como deve ser realizado o trabalho pedagógico, nos moldes segregadores?

A partir de tais indagações, tem-se como principal problema investigar: Como a escola forma parceria com a família para a promoção do desenvolvimento da criança? Quais habilidades são levadas em conta para o desenvolvimento do sujeito? As habilidades dos alunos com necessidades educacionais são identificadas no ambiente escolar? Como tais habilidades são aproveitadas no dia a dia? Existem momentos em que a família presencie demonstrações das habilidades de seus filhos? Qual é a participação da família no processo de desenvolvimento acadêmico? Quais potencialidades são percebidas como significativas para o desenvolvimento? Como a instituição estabelece o vínculo entre a família e a escola?

A fundamentação teórica compõe a primeira parte do trabalho e traz a perspectiva sócio-histórica de Vigotski para o desenvolvimento humano, ressaltando a importância de um outro mais experiente no desenvolvimento da zona proximal. Valoriza também as relações estabelecidas entre o professor e a família, onde a relação age nos dois atores, modificando-os, valorizando o que cada um tem a contribuir para o processo de desenvolvimento do aluno com necessidades educacionais especiais.

A metodologia, na segunda parte, procura delinear os recursos utilizados para a coleta de dados, através de uma entrevista orientada em um roteiro semiestruturado. Pais e professores de alunos com necessidades educacionais

especiais foram convidados a relatarem suas experiências no processo educacional escolar.

Em seguida, a análise qualitativa dos dados destaca as vivências estabelecidas entre pais e professores após a inclusão de alunos com necessidades especiais. Para os pais, ressaltamos os sentimentos pontuados historicamente, as fontes de informação recebidas e as trocas com os professores, além da percepção do papel da escola no desenvolvimento de seu filho. Quanto aos professores, foram ressaltados os momentos que trocaram informações com os pais sobre o desenvolvimento dos alunos, possíveis desencadeamentos de adequações metodológicas, além da necessidade em se estabelecer uma nova relação no ambiente acadêmico.

Por fim, as considerações finais abordam em qual fase estamos nesta relação dialógica, como permitimos que ela aconteça e como ela interfere nas posturas do profissional e da família, norteiam as ações que podem ser estabelecidas e as que precisam ser valorizadas neste processo de atendimento à diversidade, pontuado na inclusão escolar de um aluno com necessidades educacionais especiais.

I- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1- Desenvolvimento Humano

Raposo e Carvalho (2010) afirmam, com base em Vigotski, que as leis do desenvolvimento típico e atípico são as mesmas para todas as crianças, porém o que difere são as alternativas criativas que serão oferecidas para a apropriação da cultura. Portanto as oportunidades que o sujeito vivencia estimulam, ou não, as funções psíquicas superiores- linguagem, pensamento, memória, lógica e raciocínio.

A partir disso, precisamos dirigir nossas atenções para as oportunidades oferecidas ao sujeito. Se seu desenvolvimento está relacionado às alternativas criativas, precisamos analisar quais vivências disponibilizamos ao aluno e se estas são variadas e realizadas de diferentes formas, para que sejam adequadas às estratégias de desenvolvimento do sujeito, conforme sua potencialidade. O professor precisa buscar nas capacitações e formações continuadas novas estratégias que diversifique sua metodologia. Oportunizando momentos diferentes para o sujeito entrar em contato com o conteúdo acadêmico.

Kelman (2010b) ressalta que o desenvolvimento humano sofre influências da sociedade, da história e da cultura, uma vez que o homem nasce num contexto cultural, ocupa papéis diferentes, diferentes níveis educacionais, que se relaciona por um conjunto de atitudes, crenças, hábitos, valores, orientados pela cultura. Com isso, a dimensão social permeia o contexto e é aspecto relevante em todas as etapas do ensino. Os fatores que influenciam a dimensão social são: a família, a escola, as condições socioeconômicas, etnia e cultura, dentre outros.

O professor, então, necessita conhecer a cultura que permeia a subjetividade do aluno, entrar em contato com sua individualidade e elaborar atividades de acordo com a vivência e a partir de seu desempenho. Como o professor não vivencia os mesmos ambientes que o aluno, necessita colher informações dos mesmos para se preparar e oferecer atividades coerentes, envolventes para o aluno. Estas informações podem ser colhidas através de vínculos estabelecidos entre professor/aluno, professor/família e demais atores participantes do processo de aprendizagem. Para isso, é preciso planejar momentos que esta troca ocorra.

Kelman (2010b) retrata as teorias do desenvolvimento humano:

- As da maturação biológica afirmam que a mudança está geneticamente determinada, através da hereditariedade.

- As ambientalistas afirmam que o comportamento é modificado pelas experiências, o ambiente é mecanismo de aprendizagem e desencadeia o desenvolvimento humano.

- Piaget afirma que o conhecimento se dá pela interação organismo e ambiente.

- Vigotski advoga que o desenvolvimento das funções psíquicas superiores (atenção, memória, pensamento e linguagem) se dá através da interação com um sujeito mais experiente. Então, suas capacidades são formadas socialmente, compondo a subjetividade, as funções cognitivas, comunicativas e afetivas. Sendo assim, aprendemos em decorrência de nossas relações diretas com os objetos e com os acontecimentos que participamos, mediada sempre pela intenção de um outro ser com quem nos relacionamos.

A partir daí, precisamos estar atentos às diferentes oportunidades oferecidas ao aluno e à interação que estabelecemos com ele no processo de aprendizagem.

Além disso, precisamos pensar com que propósito nos dispomos a ensinar, como determinamos o que vamos trabalhar, a forma como trabalhamos com o aluno e quais critérios baseiam a conduta de nossa mediação. Previamente, é fundamental conhecermos o aluno para traçarmos as estratégias e metodologias, além das diversas estratégias de avaliação. Pois, Martinez (2006) quando trata da criatividade com elemento de sucesso na educação inclusiva, pontua como fundamental questionar o que é educar e a quem educar, além de pensar nos valores que se tem em relação ao outro.

Segundo Tunes, Tacca e Martinez (2006), a aprendizagem humana está no topo de uma hierarquia de complexidade. Suas formas de desenvolvimento são diversas, com uma enorme variação em sua manifestação. O outro constitui um importante elemento na definição das características do processo de aprendizagem. No ambiente escolar, o professor quem definirá as características da aprendizagem. Com isso, o professor deve ressignificar sua conduta, perceber a subjetividade que permeia o processo de aprendizagem e estar aberto às várias metodologias e às diferentes formas de avaliar.

Ao implementar essas estratégias, o professor apresenta possibilidades e alternativas que desencadearão em adaptações à situação de aprendizagem, tanto na construção de sua subjetividade, quanto na percepção e acolhimento da criança em sua potencialidade.

Virgolim (2010) defende que precisamos descobrir os canais de acesso à criança e desenvolver atividades que estimulem a capacidade de julgar e de trabalhar bem com os outros.

Ressalta que

ao invés de “dobrar a criança” para que ela responda ao interesse dos adultos, os pais e professores devem nutrir empatia pela área de interesse da criança, estimulando-a a buscar seus objetivos e instruindo-a para alcançar patamares elevados. (VIRGOLIM, 2010, p. 247)

Temos o dever de não sufocar o desabrochar de suas potencialidades. Precisamos permitir que o aluno revele-se por si, mostre-se naquilo que pede ajuda e o professor é organizador do ambiente social, que é fator educativo por excelência, conforme Virgolim (2010) mesmo nos fala.

A escola precisa estimular o potencial do aluno. Necessita levar em consideração as diferenças socioculturais, desenvolver a consciência e a capacidade de intervenção social, através de diversas estratégias metodológicas.

Virgolim (2010) ressalta a importância da metodologia adotada pelo professor, pois permitirá o conhecimento das habilidades do aluno. A forma de ministrar a sua aula e a interação do aluno sobre a mesma pode aflorar as potencialidades nas diversas áreas, como mnemônica, plástica, sinestésica... Com isso, aula precisa despertar os vários sentidos sensoriais e o professor precisa ser astuto em buscar o saber nas diversas formas de expressão, sempre mantendo o foco no desenvolvimento.

Ao buscarmos caminhos que facilitem e que proporcionem a aprendizagem, talvez deixemos de enfatizar o que é de difícil execução. Nossos discursos se modificarão, deixando de valorizar os fracassos, de buscar os culpados, passando a ressaltar o sucesso do processo de aprendizagem.

Muitas vezes, o fracasso escolar se torna bastante presente na fala do professor. Este fracasso pode ser fruto de um olhar voltado para as habilidades

educacionais que não foram conquistadas. À medida que estabelecem o padrão como objetivo principal a ser alcançado, pouco valorizam as potencialidades, pouco consideram a cultura do aluno. Tampouco solicitam a participação da família para o processo de aprendizagem.

Ribeiro, Mieto e Silva (2010) afirmam que os relatos de rendimento abaixo da média normalmente são a partir dos fracassos nas atividades, sinalizando que ainda encontramos dificuldades e resistências para modificar a metodologia e os instrumentos avaliativos. Reforçamos os modelos excludentes com formas de avaliações que nada informam sobre o potencial do aluno.

Com isso, precisamos questionar se as atividades que adotamos facilitam o desenvolvimento ou evidenciam as limitações. Colocar o assunto em reuniões junto aos professores será necessário para que eles coloquem também suas percepções e que possam modificá-las, promovendo mudanças no contexto escolar, contemplando a diversidade.

A escola precisa perceber as dificuldades como geradoras de novas práticas, para que possamos criar uma nova cultura comum entre nós. E como sugere Martinez (2006), em conjunto, professores e famílias, podem contribuir em maior medida que as mudanças isoladas.

A sociedade vive um tempo de aceitar o que o outro tem a oferecer de bom e a partir daí iniciar a relação entre os sujeitos. Determinar como o outro interage não cabe mais. Por isso, necessitamos tanto rever nossas práticas pedagógicas. Precisamos respeitar as potencialidades e a diversidade. Talvez a inclusão evidencie o pouco preparo que temos em aceitar o que não planejamos, em dizer que não sabemos, que não temos respostas prontas e que precisamos interagir com outro para percebermos como o sujeito se desenvolve.

Gil, Santos e Barbato (2010a) pontuam que, em Vigotski, a educação para a criança com deficiência baseia-se nos aspectos positivos, valorizando o seu modo de fazer. Para isso, é preciso que percebamos a forma da criança realizar as atividades, os recursos e as estratégias que utiliza para desempenhar as atividades escolares. Ressaltam que devemos ver as dificuldades como geradoras de conflitos criadores de uma nova cultura comum entre nós e nossos alunos. Uma cultura de buscar apoios no outro, tanto em profissionais qualificados, como na relação

dialógica construída com a família. E assim, avaliar o que ele consegue fazer sozinho, enfatizar o sim, transformando as fraquezas em fontes de suas forças, apontando o nível real.

Outro aspecto a ser abordado é a avaliação que precisa ser dinâmica. Devemos deixar de presumir até onde a criança pode ir e deixar de esperar que a criança desenvolva capacidades pré-determinadas, de forma estipulada anteriormente.

O papel da escola está em questão: Reinventar a escola a fim de acomodar todas as dimensões da diversidade da espécie humana.

A escola é marcada por influências variadas e contraditórias ao longo de sua história. É o resultado de revoluções e conflitos de interesses e idéias. A mediação é fundamental para provocar avanços nos processos de aprendizagem. Mesmo inserido na sociedade repleta de estímulos, o outro necessita de mediações de um outro mais experiente. (MACIEL & RAPOSO, 2010, p.74)

Os familiares, especialistas e professores das crianças precisam estar prontos para construir novas formas de ensinar – aprender com as potencialidades da própria criança, desencadeando uma nova cultura: a cultura dialógica.

O professor deve descobrir como a criança com necessidades educacionais conseguem atingir os processos psíquicos superiores, quais estratégias pedagógicas que possibilitam os caminhos alternativos para o desenvolvimento, que devem ser tratadas e compreendidas na sua singularidade.

Ribeiro, Mieto e Silva (2010) reforçam a importância do contato com o outro mais experiente para o desenvolvimento humano quando afirmam que o outro mais experiente intervém na produção de conhecimentos do outro menos experiente, estabelecendo o vínculo, a partir da confiança e da cooperação recíproca. Colocam ainda que o conflito é um estímulo desafiador, pois desperta a necessidade de encontrar uma solução para o fato, sendo necessárias intervenções pedagógicas que resultem em novas aprendizagens.

O desafio, instigado pelo desconforto, desestabiliza a prática pedagógica e sugere ao professor que busque alternativas inovadoras para o sucesso acadêmico. Por isso, é fundamental descobrir canais de acesso à criança e promover o que a motiva. Por fim, teremos atitudes mais inclusivas, articulando formas para superar as dificuldades enfrentadas.

1.2- Interação entre professores/professores e professores/pais

O sucesso no processo de inclusão escolar está interligado, segundo Martinez (2010), à criatividade e à preparação técnica do professor para que ele desenvolva o bem estar e saúde, sendo gerador de vivências emocionais positivas. A prática criativa envolve as diversas atividades que o professor planeja e oferece ao aluno durante a aula.

Conforme Martinez (2010), a criatividade deve ser incentivada e estimulada para o processo de aprendizagem, objetivando o desenvolvimento do aluno e no seu bem estar emocional. Por isso, é necessário que o professor foque para o sucesso, para as habilidades que o sujeito apresenta e na coerência das atividades propostas. Afirma também que, ao planejarmos as atividades e ao desenvolvermos o trabalho pedagógico criativo, precisamos modificar a forma de trabalhar, a elaboração e seleção dos objetivos de aprendizagem, a seleção e organização de conteúdos e as estratégias e métodos, resultando em uma nova organização do processo docente, além de ressaltar a relação do professor-aluno e sua comunicação.

Tunes, Tacca e Junior (2005), reforçam que o diálogo precisa ocorrer entre o professor e aluno, pois os dois atingem-se mutuamente. O professor é quem planeja e cria condições de emergir as potencialidades do aluno. Por isso, o professor necessita usar da criatividade em planejar suas atividades, para diversificar as formas de trabalhar um assunto. Após o diálogo, nenhum dos dois, nem professor, nem aluno, permanece o mesmo, brotando o significado da relação dialógica e o atendimento à diversidade.

Maciel e Raposo (2010) consideram que se analisarmos a prática pedagógica, novas questões e novas necessidades emergirão. As colocações dos professores pesquisadores e dos pais oportunizam as reflexões de suas práticas a partir dos interesses e insatisfações. Com a reflexão, surgirão pensamentos para a mudança e possíveis alternativas para as novas práticas, ampliando o olhar para diferentes ângulos.

Por isso, precisamos investir nos momentos de reflexão da prática. Não em busca de um culpado para as dificuldades enfrentadas, mas em primeiro plano, para a reflexão das práticas, para estimular um olhar criativo no preparo das diversas

atividades oferecidas ao aluno. É preciso deixar as novas questões vividas pela inclusão invadirem os momentos de planejamento coletivo. Isso pode oportunizar aos professores mais experientes trocarem suas vivências e estimularem a mudança de prática pedagógica entre os docentes.

No debate, deve-se perceber o perfil de seu aluno, associado às potencialidades e a adequação das propostas a serem realizadas, propostas que despertem as várias formas de refletir um mesmo assunto. Esses momentos, sendo coletivos, proporcionam aos professores compartilhar suas ações, angústias e sucessos, além de receber do outro mais experiente novas propostas para a ação pedagógica.

Porém, esperamos que os alunos apresentem características prévias para desempenhar atividades acadêmicas sem nunca ter vivenciado situações e sem que alguém tenha oportunizado o contato com o conhecimento científico a respeito do assunto, mais um aspecto que reforça a necessidade da melhor capacitação do corpo docente.

Com os debates, romperemos a solução mais cômoda, apontada por Ribeiro, Mieto e Silva (2010), em situar a problemática no sujeito, e buscaremos promover as mudanças no contexto escolar, contemplando a diversidade social.

A partir das reflexões, o professor poderá perceber que sente necessidade de buscar informações. Os profissionais poderão debater com outros profissionais sobre sua prática. Os serviços de apoio, como a sala de recursos e a equipe especializada de apoio à aprendizagem, podem proporcionar momentos coletivos entre os professores. Também podem organizar momentos de trocas entre professores e a família. Assim, terão a oportunidade de perceber o aluno através de pessoas que convivem com ele diariamente, além das atividades acadêmicas.

Entender o contexto em que a criança está inserida é de fundamental importância. Dessen e Polonia (2007) afirmam que a família é a mediadora principal dos modelos e das influências culturais, sendo responsável em transmitir os valores e as crenças presentes na sociedade, além de buscarem a continuidade e o bem estar da criança. Por isso, tem um impacto significativo e exerce forte influência no comportamento do aluno.

Dessen e Polonia (2007) tratam a divergência de interesse entre a escola e a família. A escola tem como preocupação central o processo ensino aprendizagem. A família preocupa-se com a socialização, proteção, condições básicas de sobrevivência, desenvolvimento no plano social, cognitivo e afetivo. Apesar de ambos serem contextos para o desenvolvimento humano e aprendizagem.

As autoras ressaltam que a principal rede de apoio da família são as interações entre seus membros. O papel parental permite à criança desenvolver repertórios para enfrentar as situações cotidianas. Porém, nem sempre a família constitui uma rede de apoio funcional. O desenvolvimento de estratégias de enfrentamento apropriadas é influenciado pelas relações afetivas, pela coesão, segurança e organização na família e instituição que a família frequente.

Esses autores reforçam que as instituições, inclusive escola, têm papel importante de apoio por meio de programas de educação familiar, ou de elaboração de políticas públicas para promoção de saúde. As redes de apoio são constituídas, então, pela diversidade de interações entre as pessoas, gerando a construção de repertório para lidar com a diversidade e com problemas, possibilitando sua superação com sucesso.

Falkenbach (2008) sugere que investiguemos os sentimentos e as experiências de pais e mães de crianças com necessidades especiais, compreendamos o cotidiano dos pais, reavaliemos os conceitos iniciais, valorizemos os potenciais da criança e requisitemos reforços de autoestima. Com isso, o professor passará a entender a dimensão subjetiva da família frente ao aluno com necessidades educacionais especiais.

É importante compreender como foi o momento da notícia da deficiência para a família do aluno com necessidades educacionais especiais, que muitas vezes, conforme Falkendach (2008) traz marcas profundas, causa a perda da criança sonhada, planejada, idealizada, pois compõe a subjetividade da relação parental. É relevante pontuar com os pais o período de dúvidas que vivem devido às fantasias para que possam se manifestar e assim buscarem novas alternativas para o desenvolvimento.

O impacto reavalia os conceitos iniciais. Porém, encontrar apoio, confiança e esclarecimento são aspectos decisivos e o grupo de professores compõe a rede de

apoio fundamental para a reformulação dos conceitos e para a busca de alternativas criativas em prol do desenvolvimento humano.

Os pais precisam de recursos profissionais confiáveis e atualizados. A falta de informação e o preconceito tornam o processo de aceitação mais doloroso. A busca de informações modifica os conceitos e possibilitam a ação adequada. Os desafios surgirão para a família, que poderá ou não ter superado as dificuldades iniciais.

Gil, Santos e Barbato (2010b) pontuam que, ao incluir crianças com necessidades educacionais, é preciso que as pessoas que convivem com os alunos, sendo os professores, cuidadores, pais ou familiares, recebam orientações sobre a patologia, para que entendam o comprometimento que tal deficiência possa acarretar, e que assim mudem a sua prática, atendendo as necessidades das deficiências.

Nascimento (2010) nos lembra que as deficiências influenciam as relações interpessoais e exigem organização de novos padrões de interação social, cabendo ao professor criar situações favoráveis para as áreas do saber e para os modos de relacionamento.

A subjetividade do professor participa deste momento de criação, planejamento e desenvolvimento de seu trabalho pedagógico. O professor, conforme Martinez (2010), é guiado por sua motivação para a profissão, pela clara orientação de futuro, orientação para superação, além do potencial para a criação e autovalorização.

O professor, em sua plenitude, é peça fundamental para gerar vivências positivas e com isso necessita desenvolver o bem estar e a saúde. Para que seja capaz de promover a saúde, necessita ter o conhecimento sobre as patologias, perceber os potenciais dos alunos, permeados de sua subjetividade, e por fim propor diversas atividades que possibilitem o trabalho acadêmico.

Aráoz (2008) pontua que a comunicação entre a família e a escola deve ter como objetivo principal proporcionar as tomadas de decisões em conjunto, objetivando as intervenções do planejamento curricular e os processos de avaliação, fazendo valer a participação da família no processo de ensino/ aprendizagem do aluno com necessidades educacionais especiais. Acrescenta ainda que esta comunicação gera um ensino dialógico, que oferece ferramentas importantes na

ressignificação do papel escolar, da atuação do professor e da participação da família.

Tunes, Tacca e Júnior (2010) ressaltam que a função primordial da educação é nutrir as possibilidades relacionais, onde através do diálogo, a experiência possibilita a elaboração de sentidos, cria múltiplas possibilidades de significações, construídos no momento da relação.

Remeto à colocação de Dessen e Polônia (2007) ao afirmarem que a integração entre a família e a escola é um desafio para a prática profissional.

II - OBJETIVOS

2- OBJETIVOS

2.1- Objetivo Geral

Analisar os elementos da relação família-escola que favoreçam o desenvolvimento dos alunos com necessidades educacionais especiais.

2.2- Objetivos Específicos

Identificar os momentos em que a escola estabelece vínculos com a família para tratar a forma que o aluno aprende e sobre seu desenvolvimento.

Verificar se os professores aproveitam as informações dos pais para modificar a metodologia adotada em sala.

Identificar quais são as expectativas que a família possui de seu filho em sua trajetória acadêmica.

Verificar quais mudanças ocorreram no ambiente familiar após a inserção do filho na escola.

Registrar as emoções presentes na relação dos professores e pais nesse processo educacional.

METODOLOGIA

3.1- Fundamentação teórica da metodologia

Maciel e Raposo (2010) afirmam que para promover uma inclusão escolar efetiva, é necessário construir conhecimentos, através de um diálogo permanente entre o pesquisador e os participantes.

A metodologia deve reconhecer o caráter interativo que envolve investigador - investigado, a relação dos sujeitos investigados entre si e as diferentes formas de trabalho grupal. Seu processo é cíclico e a interação dialética com o fenômeno investigado constrói novos conhecimentos.

A abordagem utilizada foi a histórico-cultural de Vigotski, a qual reconhece que os processos de desenvolvimento estão intrinsecamente relacionados às formas de organização da sociedade à qual o sujeito pertence. O sujeito é um ser que aprende nos processos de colaboração que estabelece com seus pares mais experientes e a colaboração depende das formas de organização social e dos valores presentes na sociedade.

As autoras afirmam que nenhum conhecimento científico é absoluto e universal. A produção científica depende do pensamento, da linguagem e da possibilidade conceitual num momento histórico, envolvendo a abertura ao novo, para que seja possível gerar idéias e pensamentos.

3.2- Contexto de Pesquisa

A pesquisa, em seu contexto, oportuniza a percepção das subjetividades dos pais e professores que, conforme Maciel e Raposo (2010), influenciam a construção de conhecimentos para a promoção de uma inclusão escolar efetiva. A observação a partir dos contextos promove a compreensão dos processos de aprendizagem.

Ao entrevistar os sujeitos participantes (pais e professores) nas escolas estudadas, foi possível perceber o ambiente escolar e as forças que as movimentam. Importante aspecto, pois a escola é uma Instituição Social marcada por influências diversas e contraditórias ao longo da história, como afirmam as autoras citadas.

A pesquisa ocorreu em três escolas:

Instituição Escolar	Entrevistado
IE 1	Professora Supervisora Pedagógica P1 R
	Professora Regente P4 J
IE 2	Professora Regente P2 N
IE 3	Professora Regente P3 AM
	Família M1 Y
	Família M2 JP

3.3- Participantes

Os participantes se relacionaram de uma forma interativa, onde a participação e o compromisso em responder as perguntas desenvolveram a reflexão, convertendo o entrevistado em investigador, como ressaltam Maciel e Raposo (2010).

Os sujeitos participantes da pesquisa foram professores e pais que falaram sobre o desenvolvimento de alguns alunos com necessidades educacionais especiais. Inicialmente, houve o levantamento dos alunos com necessidades educacionais especiais matriculados em três instituições de ensino e a partir dele, os familiares dos alunos e seus respectivos professores seriam convidados à entrevista.

Porém, a coleta de dados coincidiu com o período de fechamento do 4º bimestre do ano letivo, o que impossibilitou que um maior número de professores fosse entrevistado. Já as famílias não compareceram devido à falta de transporte público na região em horários compatíveis aos do turno de aula. Mesmo assim, a coleta de dados foi bastante significativa, oportunizando a reflexão da relação estabelecida entre pais e professores de alunos com necessidades educacionais especiais.

Professores:

Professor	Professora do aluno com NEE	Atuação em 2010	Situação na SEEDF	Experiência com ANEE em classe regular
P1- R	CJ	Supervisora pedagógica	Professora efetiva	Desde 2007
P2- N	A	Professora do 2º ano	Professora efetiva	Iniciou em 2010
P3- AM	G	Professora do 2º ano	Professora efetiva	Iniciou em 2010
P4- J	CJ	Professora da 3ª série	Contrato temporário	Iniciou em 2010

Família:

Mãe	Grau de instrução	Profissão	Quantidade de filhos	Posição do filho com NEE
M1Y	Superior	Professora	03	03
M2JP	Nível médio incompleto	Doméstica	02	01

Alunos em questão:

Aluno	Data de nascimento	Comprometimento	Idade/série	Tempo em classe regular
Y	31/01/1996	Paralisia cerebral TDAH	14 anos/5ª série	Nono ano
JP	26/10/1998	Paralisia cerebral	12 anos/5ª série	Quinto ano
CJ	21/03/1995	Deficiência física	15 anos/3ª série	Segundo ano
A	08/04/2000	DI leve	10 anos/2º ano	Primeiro ano
G	27/02/2000	TGD	10 anos/2º ano	Primeiro ano

3.4- Materiais

Os instrumentos utilizados para que os sujeitos se expressassem foi um gravador em áudio e vídeo.

3.5- Instrumentos de Construção de Dados

Maciel e Raposo (2010) defendem que a entrevista possibilita a geração de idéias, envolvendo a abertura ao novo. Este instrumento provoca a expressão do outro e torna a informação não só do cientista, mas também do sujeito que está sendo estudado.

Por isso, a entrevista semiestruturada foi o instrumento utilizado para a coleta de dados a pais e professores de alunos com necessidades educacionais especiais.

O momento da entrevista, pontuado pelas autoras, proporciona a conversação espontânea, íntima e natural, gerada pela relação entre os sujeitos participantes. Afirmam que este método provoca a expressão do outro.

As autoras reforçam a importância da construção de dados através da entrevista, pois estimula o ato de pensar na prática. Esta oportuniza a inovação, pontuando o interesse e as preocupações dos pais e dos professores de alunos com necessidades educacionais especiais. Esse contexto de interação dialética entre pesquisador, pesquisado e o fenômeno a ser investigado, estimula o pensar sobre o que se dialoga construindo novos conhecimentos.

Através do diálogo, surgiram inúmeros elementos que enriqueceram o conteúdo, proporcionando a exposição da subjetividade dos sujeitos envolvidos. As autoras também advogam que a comunicação ocupará posição de destaque, pois será fonte de informação, de segurança, de interesse e de confiança.

3.6- Procedimentos de Construção de Dados-

As informações importantes produzem o conhecimento. As autoras defendem que a fonte de ideias está na confrontação do pensamento e dos dados, surgindo assim novas ideias. Cada elemento adquire significação graças à interpretação do pesquisador. A partir daí, desenvolve conceitos novos, caracterizando tal momento como criativo e delicado ao mesmo tempo.

A elaboração teórica, ressaltada pelas autoras, ressignifica os indicadores, acompanhando a investigação e desenvolvendo a teoria geral.

3.7- Procedimentos de Análise de Dados.

O professor pesquisador pensa e repensa em sua prática. A reflexão, conforme Maciel e Raposo (2010), sobre a prática, oportuniza a mudança além de pensar em possíveis alternativas. Ao analisar a prática, o professor perceberá as novas necessidades e por fim ampliará seu olhar para diferentes ângulos.

Para a análise dos dados, os relatos nas entrevistas foram organizados nas seguintes categorias:

Categorias levantadas nas entrevistas dos pais

- Sentimentos pontuais após diagnóstico e após inclusão
- Percepção dos pais sobre as diversas redes de apoio- família e profissionais
- Expectativa da família quanto à caminhada escolar

Categorias levantadas nas entrevistas dos professores:

- Importância da conversa com os pais, segundo os professores
- Conteúdo da conversa com os pais

IV- RESULTADOS E DISCUSSÃO

As mudanças da sociedade nos oportunizam a quebra de nossos paradigmas, onde perceberemos que todo indivíduo tem algo de bom. A partir disso, permitiremos uma relação com o outro, numa base de respeito, de perceber o potencial do outro, atendendo a diversidade social.

Dentre as instituições sociais, a família e a escola são contextos fundamentais de desenvolvimento na trajetória da vida do indivíduo. A escola prepara os indivíduos para viverem e superarem as dificuldades das mudanças rápidas do mundo, além de promover a aprendizagem e desenvolver as funções psíquicas superiores.

O contato da família com os pais proporciona o compartilhamento de dúvidas e favorece a mudança de paradigmas. Ao investigarmos os sentimentos e experiências de famílias de crianças com necessidades especiais, compreenderemos o cotidiano, reavaliaremos nossos conceitos iniciais, valorizaremos os potenciais da criança e requisitaremos reforços de autoestima.

Percebe-se nos pais, que o momento da notícia da deficiência marca profundamente, pois perdem a criança tão sonhada, planejada, idealizada. Acreditam que a criança será improdutiva, dependente e apática, sendo um momento de dúvidas e receios. Sentimentos mais diversos de defesa são de culpa, medo e negação, pois perderam o filho idealizado. Passam a ficar apreensivos, preocupados com o desenvolvimento e não sabem dos procedimentos a serem tomados.

Tal impacto passa a ser necessário para que reavaliem seus conceitos iniciais e para que busquem ajuda, formando redes de apoio. Estas têm as funções de informar, esclarecer, motivar e acolher. Seus sentimentos são relatados abaixo:

Sentimentos pontuais dos pais após diagnóstico e após inclusão

Pais	Fala
M1 Y	<p>“Toda vez que eu ia ao médico, ele vinha com uma notícia bombástica. Quando você é mãe, você acha não, que você vai dar um jeito. Por mais drástica que seja a notícia, você sempre acha que vai dar um jeito, que não é bem assim. Só com o tempo é que vai amadurecendo”.</p> <p>“Você sempre acha que vai dar um jeito.”</p> <p>“Hoje, é uma vitória. Não é no nosso tempo, é no tempo dele. Ele tá lendo algumas coisas e por isso eu falei para os professores, dê o tempo para ele”.</p> <p>“A sociedade precisa ver que precisa incluir, não excluir. Tem que trabalhar as diferenças. Que não há uma sociedade homogênea. Infelizmente, trabalhamos com padrões; de cor, de raça, de tipo de aula. É uma caminhada a construir”.</p>
M2 JP	<p>“Eu entrei em desespero. Ficava triste. Me doía muito. Eu que não queria encarar”.</p> <p>“Hoje, eu acho muito, muito bom o que está acontecendo com ele hoje, fico muito orgulhosa”.</p> <p>“Ele é uma criança normal que consegue fazer as coisas, não igual aos outros da idade dele, mas consegue fazer do jeito dele”.</p> <p>“Hoje, de felicidade. Hoje, eu olho pro J e vejo ele realizado, ele sabe fazer muitas coisas sozinho, e isso é uma felicidade. Eu acredito muito no J.”</p>

Percebe-se que os sentimentos dos pais variam com o tempo. Inicialmente, relatam a ansiedade e desespero diante de uma criança diferente. Atualmente, as famílias nutriram sentimentos positivos em relação ao filho. Observam o desenvolvimento de seus filhos, orgulham-se das conquistas que os filhos são capazes de desempenhar, vislumbram possibilidades de futuro acreditando no potencial de seus filhos.

Os apoios, os esclarecimentos e a confiança recebidos a partir do diagnóstico compõem momentos decisivos na ressignificação da deficiência para a busca de estratégias que potencializem o desenvolvimento da criança. Os pais precisam de uma escuta especial com profissionais atualizados e confiáveis.

Um dos locais que podem oferecer este momento de escuta é a escola. O encontro entre o professor e a família deve ser em um momento especial,

organizado para tal, fora da pressa da reunião coletiva bimestral, que pouco oportuniza a chance da família colocar sua realidade emocional, suas vivências de sucesso com o filho e suas dificuldades em proporcionar estratégias de desenvolvimento. As colocações da família devem ser valorizadas, pois trazem consigo a riqueza de suas experiências.

A categoria abaixo aponta a percepção dos pais frente os diversos profissionais ao tratarem sobre as deficiências e potencialidades dos filhos, compondo possíveis redes de apoio:

Percepção dos pais sobre as diversas redes de apoio- família e profissionais

Pais	Fala
M1 Y	<p>“Nós nunca tivemos apoio familiar. Nós nunca fomos a um lugar e contamos com o apoio da família, por incrível que pareça. Um leque de médicos fez a assistência”.</p> <p>“Tivemos reunião de professores, onde todas conversaram conosco, colocaram as necessidades com relação ao Y. Falaram o que acham que não contribuimos. Eles depositam muitas expectativas sobre nós. Falamos que nós sabemos de nossas falhas.”</p> <p>“Eles não foram preparados, não têm estrutura para isso, não têm suporte para isso. Mas quando ele nasceu, eu também não estava preparada para isso.”</p> <p>“A sala de recursos está do nosso lado”.</p>
M2 JP	<p>“Comecei a pegar amizade com outras mães. Os parentes me deram muita força. A psicóloga da equoterapia também me ajuda.”</p> <p>“Palestras na UnB. A professora N me levou para ver a palestra desse outro professor e o JP foi comigo. Hoje dou palestras aqui na escola, só que choro. No Sarah eu aprendo também. Eu comecei a estudar nos livros, conversava com outras mães que tinham filhos assim, com crianças mais velhas. Vi exemplos de crianças que tem paralisia cerebral que estudaram na UnB, que faziam alguma coisa, que moravam sozinhas.”</p> <p>“Troco com a professora da sala de recursos. Quando eu sei uma maneira diferente de ensinar, eu venho aqui e conto para a sala de recursos. Eu fui ao Sarah e eles me ensinaram como fazer interpretação de texto. Por exemplo, faz o texto menor, dividir o parágrafo, ler e entender o texto”.</p>

Percebe-se que, em um ambiente familiar, falta apoio entre os membros, em uma das famílias. Nem todos se identificam ou se aproximam da criança, ficando a

cargo dos genitores a responsabilidade de se reestruturar e buscar apoios nos profissionais.

Já a outra família, que recebeu apoio de seus membros, buscou o recurso profissional após o encorajamento inicial e valoriza as posturas significativas dos professores, mesmo que solicitem mudanças sobre a percepção do filho, como em deixá-lo interagir com os colegas. Ao se instruir, sente-se à vontade em sugerir formas de como trabalhar situações específicas da metodologia, percebendo a importância de seu papel nas mudanças de paradigmas do desenvolvimento.

A relação estabelecida entre os profissionais da sala de recursos, os professores da sala de aula e os pais pode ser dividida em dois grupos, conforme a percepção dos pais. O que apóia, acolhe e os orienta está do seu lado, formando assim redes de apoio dentro da instituição escolar. E o outro grupo, que deve corresponder a uma expectativa de apresentar habilidades prontas, destaca as dificuldades enfrentadas, culpando o aluno com necessidades educacionais pelos fracassos acadêmicos.

A família M1Y sinaliza que não percebe a importância de seu papel para a construção da figura do aluno para os professores. Absorve as queixas colocadas, ao mesmo tempo assumindo a participação no baixo desempenho. Deixa claro que ainda sofre com o diagnóstico e que os apoios recebidos não foram suficientes para reestruturarem a imagem de seu filho. Sinaliza a necessidade de trocas saudáveis para além das dificuldades evidenciadas na mesma das atividades realizadas.

Ressalto que a interação entre os membros familiares é a principal rede de apoio para enfrentar as situações cotidianas, porém nem sempre a família possui uma rede de apoio funcional. Então, o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento é influenciado pelas instituições, inclusive a escola, que tem o papel importante de apoio social para promover a superação do estresse e o restabelecimento de uma dinâmica saudável.

A troca entre pais e professores é pontuada na categoria abaixo, perante a expectativa dos pais para a escola:

Expectativa da caminhada escolar:

Pais	Fala
M1 Y	<p>“Não temos expectativas, não criamos muita expectativa em relação ao conteúdo. Nós queremos que o Y, dentro da sala, se socialize, que assimile o conteúdo, mas que não seja o principal para ele. Que se desenvolva afetivamente, mas a escola tem um padrão e a expressão escrita é muito importante”.</p> <p>“Eu gostaria que o professor desse abertura para ele falar”.</p> <p>“Ele não precisa ser um <i>expert</i> em nenhuma área específica. Mas que a escola dê laços afetivos, a socialização”.</p> <p>“Ele está ficando sozinho, cuida do meu netinho, fica com a chave de casa e nunca perdeu, arruma a mochila, anda limpo, está lendo no meu celular, procura no computador “Todo mundo odeia o Cris”, procura na agenda do computador o número de telefone e liga para quem eu pedi”.</p>
M2 JP	<p>“Ah... Tudo de bom... Que ele seja um menino muito feliz, que ele consiga tudo que estiver ao alcance dele. Ele pretende estudar, entrar numa universidade, fazer um curso”.</p> <p>“Hoje, eu vejo que o J já está fazendo muitas coisas sozinho. Mas ele pode fazer as coisas do jeito dele”.</p> <p>“Mudou o jeito dele se comunicar com a gente. A gente pede para ele escrever ou fazer gestos. Antes, eu tinha pena e fazia tudo por ele e a diretora dizia que eu precisava deixar ele crescer. Eles podem crescer”.</p>

Observa-se que os objetivos da família não são os mesmos da escola. A família espera que seu filho seja capaz de desempenhar atividades de vida diária com autonomia, que seja independente e que se relacione com os outros, além de se desenvolver emocionalmente.

Enquanto os pais desejam tais aspectos, a escola fixa sua conduta em conteúdos, que conforme a percepção da família, tende em tornar o aluno num “*expert*” em uma área específica.

Para operacionalizar o atendimento pleno à diversidade é preciso observar os desacordos. Por isso, necessitamos buscar novas formas de participação dos pais no atendimento educacional, mais momentos esclarecedores que desencadeiem em empoderamento dos pais e professores (ambos carecem de informações atuais) e promoção de habilidades, estabelecendo uma cultura do sucesso.

As ações da escola vão à contramão, proporcionando momentos individuais e competitivos, provocando limitações. A escola deveria conhecer as habilidades do aluno, proporcionar atividades que as potencializem e assim fazer valer o atendimento à diversidade.

A educação é permeada por conflitos metodológicos. Se o professor se fixar em um único método, corre o risco de não atender a todos. Uma conduta em sala onde o professor determina como o outro interage, não cabe mais. As atividades colaborativas e coletivas atendem tanto o desenvolvimento de habilidades de vida diária, como o cumprimento do conteúdo científico- expectativas apresentadas pelas famílias e pelos professores. Embora, a família nem sempre participe do processo metodológico, pode orientar os professores, relatando sua história de sucesso com o filho.

A escola precisa alterar a concepção de uma escola excludente e para tornar-se inclusiva, necessita discutir as dificuldades que enfrenta. Além de perceber as limitações em compreender as deficiências, precisa acreditar no potencial dos alunos e utilizá-lo como carro chefe de sua metodologia. Também é necessário reconhecer que necessita do auxílio de outro para compartilhar as dúvidas, receios e acertos e que a família, muitas vezes, pode cumprir este papel de outro mais experiente.

Importância da conversa com os pais, segundo os professores:

Professores	Fala
P1 R	<p>“Ele (o professor) é o elo entre o aluno e a família. Se o professor não vê potencial nesse aluno, ele, automaticamente ele também não vai dar boas perspectivas para essa família”.</p> <p>“A mãe precisa se informar. Sem esse conhecimento prévio, ela não tem muita contribuição a dar”.</p>
P2 N	<p>“O mais importante é ela (a família) ver que o filho é capaz de aprender, de ir mais além”.</p> <p>“O professor tem que ter o olhar para o aluno e recorrer aos serviços de apoio e direção e falar mesmo com os pais, porque tem muitos pais que não aceitam os próprios filhos com necessidades especiais. Não é você perceber o aluno num dia só não. É você se preocupar com ele todos os dias. Isso tem que ser contínuo. E você tem que buscar ajuda com os outros profissionais”.</p> <p>“O pai disse que ele gosta muito de chegar em casa e brincar com</p>

	carrinho. Então, eu peguei a referência da socialização e coloquei ele para brincar com os meninos, pra poder perguntar pro coleguinha, na hora do intervalo para ir brincando. Como o pai falou que ele gosta de brincar muito, de trazer isso, de puxar ele mais para esse lado da brincadeira com os colegas”. “Pode ajudar. Posso perguntar como ele é em casa, no que mais ele tem habilidade. Às vezes pode não falar da forma que eu vou trabalhar, mas posso perguntar como ele é em casa e assim vou transcrever como vou trabalhar”.
P3 AM	“Eu acho importante (o papel do professor para formação de vínculos), mas não sei se estou construindo isso não”. “Acho que no princípio do ano a gente podia sentar junto para ver onde ele poderia chegar ao fim do ano”.
P4 J	“Ele (o professor) precisa estar com o aluno e saber das demais informações do aluno”. “A metodologia tem que partir da gente. A gente colhe informações deles, daí inserir uma opinião deles no ensino, eu não sei”.

A visão do professor não valoriza as experiências próprias do dia a dia entre a família e o aluno. O professor ressalta informações que os pais tenham adquirido se forem referentes à prontidão “esperada” para desempenhar funções acadêmicas, como se a vivência com o filho não fosse uma fonte de aprendizado.

O professor espera que os pais tragam, como contribuições, informações que sanem dúvidas ou dificuldades pontuais de sua prática. Não percebem que a prática diária oferece subsídios às competências acadêmicas. Com isso, determinam com o que a família deve contribuir, além de onde e como o aluno deva chegar. Valorizar habilidades que os alunos possivelmente sejam capazes de realizar com autonomia é encarada como insignificante perante a “imponência” dos conteúdos curriculares, pois não transformam os alunos em “*experts*”.

Outras vezes, o professor entra em conflito, pois percebe a importância do vínculo com a família, mas não sabe como fazê-lo, o que perguntar, o que tratar. E talvez por isso delegue aos serviços de apoio (sala de recurso e professor especializado) tal oportunidade de troca.

Evidencia-se a contrariedade do foco entre a família e a escola, onde a primeira se preocupa na independência no sujeito e a segunda fixa os conteúdos curriculares. Precisamos debater o ponto de vista dos profissionais e dos familiares, que compõem o abismo de interesse, intensificado pela rigidez de foco, pelo determinismo das potencialidades e de pouca variedade das propostas oferecidas

nas aulas. Existem poucos momentos de escuta entre as duas instituições, tão importantes para o desenvolvimento humano.

Conteúdos nas conversas com pais:

Professores	Fala
P1 R	<p>“A gente solicita quando a escola tem queixas do menino dentro da escola, com relação à higiene. E a gente passa alguns combinados para a família. A contribuição que ela está nos dando bastante, é porque lá no Sarah tem o acompanhamento familiar. Eles passam as orientações, como deve tratar o CJ na escola e em casa. E ela passa para a gente”.</p> <p>“Não. Nunca perguntei futuro isso (sobre o futuro) pra ela.”</p>
P2 N	<p>“Fiz algumas perguntas assim: Como é o A em casa? Se age do mesmo jeito que na escola. Mais das conquistas. Das dificuldades todos já sabem. Você encontra no papel e as conquistas são o mais importante. Quando a gente fala quais foram as conquistas que o aluno teve durante esse processo que ele esteve na escola, ele vai passar para o outro professor que vai pegar ele no próximo ano. Quando tem essa oportunidade de falar com os pais, passar isso para eles, no que o filho cresceu, no que ele avançou”.</p> <p>“Nunca perguntei (sobre o futuro)”.</p>
P3 AM	<p>“Não, nesse sentido não. Eu só falei com a mãe que ele estava mais agitado, jogando as coisas no chão”.</p> <p>“Não, não perguntei”. (sobre o futuro)</p>
P4 J	<p>“A mãe dele acompanha muito ele, só que ela mesma falou que não sabe como lidar com ele. Não sabe como fazer. Ela disse que não sabe com lidar com ele. Ela corre atrás, leva, mas não sabe como lidar e não pode ajudar muito”.</p> <p>“Não, não perguntei”. (sobre o futuro)</p>

O conteúdo que motiva o chamado da família está geralmente centrado num aspecto negativo, abordado como queixa. E a higiene assume papel inicial para os combinados determinados pela perspectiva do professor.

Percebem-se atitudes contraditórias entre a conduta do professor, onde um valoriza contribuições técnicas e outro acolhe as observações da família e a partir delas adequa sua metodologia. Ressalta também a importância do retorno positivo aos pais, ao fato de destacar as conquistas alcançadas, para que levem a informação à diante.

A escuta aos pais, muitas vezes não caracteriza um diálogo, onde deveria modificar as duas partes após esta relação. Parece cristalizar as posturas docentes

e tratar a participação familiar necessária somente se contribuir com questões precisamente acadêmicas, de cunho científico. Não tratam sobre a composição cultural em que o aluno está inserido. Não abordam seus valores, suas experiências, como se não fizesse parte do aluno, ou como se não fosse importante, ignorando variáveis influenciadoras do processo de desenvolvimento humano.

A ausência total da investigação sobre a perspectiva de futuro da família pelo professor faz-nos refletir se acreditamos que alunos com necessidades educacionais especiais são sujeitos passíveis de um futuro. O medo do futuro pela família é ilustrado na possibilidade temida do filho ficar em uma instituição, caso os pais morrerem ou carecerem de condições. Isso nos desperta à crítica da contribuição escolar para o desenvolvimento das potencialidades dos alunos e de sua autonomia.

Por fim, a relação dialógica entre pais e professores é um exercício que necessita da ação de profissionais mais qualificados e com mais experiências para se instalar tal prática. É uma conduta a ser trabalhada entre as duas instituições, que favorecem a mudança cultural e que proporcionam o desenvolvimento humano.

DISCUSSÃO

A inclusão torna mais evidentes aspectos que, antes, não precisavam ser questionados no processo educacional. O pouco preparo que temos em aceitar o que não planejamos, as resistências em dizer que não sabemos, o fato de não termos respostas prontas e que necessitamos interagir com o outro para percebermos como o sujeito se desenvolve, coloca em xeque a nossa falta de habilidade em lidar com o novo, em mudar nossas percepções no “aqui e agora”.

Se o conflito - que o processo educacional vive ao atender a diversidade - desafia a busca de uma nova prática metodológica, é emergencial promovermos momentos de reflexão da nossa prática. Assim, refletiremos a contradição da ação pedagógica sem sucesso para a aprendizagem, pois o professor permanece, em sua maioria, com uma conduta centralizadora e determinista do potencial do aluno, além de utilizar um único recurso metodológico e avaliativo.

As trocas entre pais e professores precisam enriquecer as possibilidades de estratégias de desenvolvimento. Os pais podem contribuir com dicas sobre o potencial de seus filhos, auxiliando o ajustamento das metodologias adotadas pelos professores. Neste momento, os pais ocuparão papéis do outro mais experiente, pois intervirão na produção de conhecimentos do outro, no caso do professor.

Observa-se que os pais e professores falam sobre suas expectativas para o desenvolvimento do aluno, mas não de forma dialógica. O momento de encontro é marcado para que cada um faça suas observações. Mas pais e professores não traçam propostas conjuntas para modificarem suas práticas, como se não interagissem com as observações colocadas, ou se não tivessem um objetivo em comum.

O objetivo entre a escola e família ilustra a divergência apontada por Dessen e Polonia (2007). A família tem como preocupação a conquista da autonomia nas atividades da vida e a escola objetiva o desenvolvimento nas habilidades escolares e nos conteúdos acadêmicos. Nos momentos da troca entre as duas instituições, a família absorve as colocações da escola, tornando a comunicação apenas informativa, ditada por um lado da relação - a escola. Não ocorre um diálogo entre as partes corresponsáveis para o desenvolvimento humano. Trocam pouco sobre suas percepções, seus anseios e desejos, deixando de oportunizar o surgimento de um novo olhar para a situação. Reforçam, assim, objetivos que não se entrelaçam, sem propósitos afins, evidenciando a exclusão do sujeito que necessita tanto de uma relação dialógica entre os indivíduos com os quais convive, ou seja, entre a família e a escola.

A família espera que o professor contribua para o aluno conviver socialmente, para a percepção das habilidades e para a promoção da sua autonomia. O professor espera a prontidão do aluno. Evidencia-se um distanciamento entre os segmentos família e escola que nada contribui para o desenvolvimento humano.

Se pais e professores são responsáveis pelo desenvolvimento do indivíduo e pela sua composição subjetiva, reforçamos a necessidade da integração entre as duas instituições com o objetivo principal para a tomada de decisões em conjunto, pontuada por Araújo (2008), para o planejamento do currículo e do processo avaliativo.

Quando o professor tem pouco contato com os pais para compartilhar os sentimentos e experiências, pouco se compreende sobre o cotidiano, tampouco reavalia seus conceitos iniciais ou valoriza os potenciais das crianças.

É preciso buscar, em conjunto com a família, novas e variadas alternativas para a aprendizagem e avaliação dos alunos com necessidades educacionais especiais. Os encontros precisam ter como objetivo o potencial do aluno, o que ele é capaz de produzir. A partir disso, emergirão sugestões criativas que deverão ser aproveitadas para modificarem as condutas metodológicas, avaliativas e domiciliares, refletindo por fim em novos olhares para a situação.

O contato entre professor e pais geralmente ocorre em reuniões bimestrais gerais ou no momento da entrega do filho na escola. Esse momento tem pouco tempo e é sem contato individual, tão importante para o estabelecimento de vínculos. Com isso, pais e professores trocam pouco sobre as experiências, não modificam suas percepções sobre o atendimento à diversidade na escola, além de incentivarem aos pais que procurem cada vez mais os professores da sala de recursos.

Precisamos estabelecer o vínculo com a família para além de queixas referentes a higiene, ou ao não cumprimento de todos os deveres de casa (postura que reforça o fracasso e que provoca limitações) com as famílias dos alunos.

Se não temos o olhar pesquisador, precisamos desenvolvê-lo através do hábito de refletir e de trocar as percepções com outra pessoa, tendo como norte as satisfações e os interesses comuns. Os pensamentos para mudança e as possíveis alternativas para transformar em novas práticas deverão surgir a partir da prática da pesquisa e da troca com o outro. Em consequência, teremos a quebra de paradigmas e a ampliação do olhar para diferentes ângulos e assim, promoveremos uma cultura para o sucesso.

Preparar o professor para tal momento pode ser necessário o apoio dos setores da sala de recursos, equipe especializada de apoio à aprendizagem e do serviço de orientação educacional. Oportunizar situações em que o professor verbalize os avanços do aluno para a família e que dela escute as vivências familiares se faz necessário. Podendo assim estar mais motivado em sua ação e,

como Martinez (2010) nos fala, ser uma peça fundamental para o trabalho pedagógico docente.

Esse momento permitirá que o professor tire suas impressões dos relatos, que se modifique após a relação e que aja sobre a família, estabelecendo uma verdadeira relação dialógica, onde nenhum sairá da mesma forma que começou o encontro, cumprindo então, uma das funções primordiais da educação: nutrir possibilidades relacionais, tão reforçadas em Tunes, Tacca e Júnior (2005).

Estamos num tempo de valorizar o que o outro tem de bom a oferecer, por isso, precisamos estar abertos em receber a contribuição que o outro possa ofertar. Para tanto, inicialmente, se faz necessário modificarmos o nosso de papel em ditar as condutas, passando a acolher a contribuição do outro, tornando-o corresponsável da ação. Em conjunto, nos comprometeremos com o sucesso do desenvolvimento.

As dificuldades precisam deixar de ser apontadas como queixas e passarem a serem vistas como geradoras de uma nova cultura. Essa cultura será através da relação dialógica de seus atores, principalmente entre pais e professores, tendo como objetivo o desenvolvimento do aluno.

Os interesses em comum entre a família e a escola serão traçados em momentos focados nos diálogos, em situações onde pais e professores poderão falar e ouvir sobre as vivências e juntos estabelecerem objetivos metodológicos e avaliativos comuns. E depois de estabelecidos, pais e professores exercitarão novas percepções do sujeito em seus contextos. Assim, se atingirão mutuamente, exercitando a criatividade para diversificar o planejamento das atividades.

A relação dialógica ressignificará os papéis da escola e da família, modificando a interação entre pais e professores. Como ressaltam Dessen e Polonia (2007), a relação dialógica é um grande desafio para a sociedade moderna, em sua prática educacional.

V- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar os elementos da relação família - escola que favoreçam o desenvolvimento dos alunos com necessidades educacionais especiais exige uma observação do contexto cultural em que a relação família - escola está inserida.

Muitas vezes a família participa somente dos momentos bimestrais dentro do ambiente escolar, sem uma escuta especial e com pouca investigação sobre o dia a dia com o aluno. Sua colocação se restringe a responder se acompanhou no dever de casa e na organização da mochila.

Há uma controvérsia no desejo da família e da escola perante o aluno com necessidades educacionais especiais. Habilidades de autonomia são valorizadas pela família e observadas após o ingresso do aluno no ambiente escolar. Já, os professores se fixam na memorização de conteúdos, nas respostas que os alunos apresentam conforme o que de ante mão determinaram, valorizando mediocrementemente as habilidades de autonomia, convívio e interação social.

O professor ainda se fixa na determinação até onde o sujeito deva alcançar e se vê na relação de ensinar como centralizador do conhecimento. Parece até que o professor não pode se deixar levar pela emoção, pois assim, deixaria em evidência sua subjetividade na relação dialógica entre ele e os pais dos alunos e se veria diante de um fato onde não seria ele o detentor de uma resposta certa, se tornando sujeito que busca no outro a troca para o desenvolvimento.

Diante desse estudo, evidenciam-se lacunas que poderão ser sanadas em estudos futuros uma vez que o professor precisa perceber suas emoções ao atender a diversidade, o quanto é rígido ou flexível frente novas condutas e compartilhar com o outro uma ação, buscando parcerias para o desenvolvimento.

Com a família, pode-se promover estudos em situações de vivência com o aluno em sala de aula, participando das atividades *in loco* e em depoimentos para os docentes.

Com os alunos incluídos, surge a necessidade de investigar como se sentem no processo educacional, quais percepções têm de seu desenvolvimento e suas expectativas de futuro.

Outro campo de pesquisa é verificar se o vínculo estabelecido entre as famílias e os professores das classes especiais e dos centros de ensino especiais difere dos aqui apresentados, além de pontuar sob quais perspectivas são estabelecidos e com qual finalidade se mantém.

Para que o vínculo entre os professores e pais seja institucionalizado, surge a necessidade também de investigar qual a percepção desta relação para a direção escolar. Instalar o vínculo entre pais e professores como relação onde ambos participam, sofrem e se alteram requer modificar institucionalmente a cultura do determinismo educacional.

Perceber a relação entre a família e os professores como uma relação dialógica é uma caminhada que necessitará de outros profissionais da escola atuando em conjunto. Uma possibilidade para este contato é ser mediado pelos serviços de apoio, como sala de recursos e equipes de apoio à aprendizagem.

Os pais se sentem confortáveis com estes profissionais, os professores delegam a eles a função dos únicos em vivenciarem esta relação dialógica e nós do serviço assim fazemos.

Visto que este momento de troca oportuniza tanto aprendizado entre os pais e professores, trazendo compreensão para as situações, gerando novas ideias, mudando o olhar para o caso, o professor precisa participar do encontro. Se muitas vezes não o faz individualmente, pois não sabe como dirigir a conversa, pode ser mediado por um outro que tenha mais experiência no assunto. Assim, daremos a oportunidade do professor ser corresponsável do processo de aprendizagem do aluno e de perceber a família como aliada, fazendo acontecer a mais valiosa função da aprendizagem: possibilitar que as relações sejam nutritivas. Que possamos perceber no outro sua potencialidade e que reconheçamos o outro como sujeito participante de uma cultura diversa.

REFERÊNCIAS

ARÃOZ, S. M^a M. de; Costa, M^a da P. R. da, **Aspectos biopsicossociais na surdocegueira**, Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v.14, n.1, p. 21-34, Jan.-Abr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-65382008000100003&script=sci_arttext>, acesso em agosto de 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**, janeiro de 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>> acesso em agosto de 2010.

DESSEN, M^a. A. & POLONIA, A. C., **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paideia, Ribeirão Preto, v. 17, n 36, p. 21 – 32. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36a03.pdf>>, acesso em agosto de 2010.

FALKENBACH, A. P. et al., **A relação mãe/criança com deficiência: sentimentos e experiências**. Ciências & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 13 (Sup 2), p. 2065 - 2073, Dezembro. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000900011>, acesso em agosto de 2010.

GIL, I. L. de C.; SANTOS, P. F.; BARBATO, S.; O aluno com deficiência física na escola. In: MACIEL, D. A.& BARBATO, S. (Org). **Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar**. Brasília: Editora UnB, 2010 a. p. 259 – 268.

_____, A pessoa com paralisia cerebral na escola. In: MACIEL, D. A.& BARBATO, S. (Org). **Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar**. Brasília: Editora UnB, 2010 b. p. 127 – 138.

KELMAN, C. A.; A pessoa com surdez na escola. In: MACIEL, D. A.& BARBATO, S. (Org). **Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar**. Brasília: Editora UnB, 2010 a. p. 141 – 153.

_____, Sociedade, educação e cultura - Desenvolvimento humano e singularidade na perspectiva histórica cultural. In: MACIEL, D. A.& BARBATO, S. (Org). **Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar**. Brasília: Editora UnB, 2010 b. p. 11 – 51.

MACIEL, D. A, RAPOSO, M. B. T., Metodologia e Construção do Conhecimento: Contribuições para o estudo da Inclusão. In: MACIEL, D. A.& BARBATO, S. (Org). **Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar**. Brasília: Editora UnB, 2010. p. 73 – 101.

MARTINEZ, A. M., Criatividade no Trabalho Pedagógico e Criatividade na Aprendizagem- Uma relação necessária? In: TACCA, M^a C. V. R., **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Campina, SP: Alínea, 2006. p. 69 – 94.

NASCIMENTO, F. A. A. A. C., A pessoa surdocega na escola. In: MACIEL, D. A.& BARBATO, S. (Org). **Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar**. Brasília: Editora UnB, 2010. p. 173 – 187.

RAPOSO, P. N., CARVALHO, E. N. S. de; A pessoa com deficiência visual na escola. In: MACIEL, D. A.& BARBATO, S. (Org). **Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar**. Brasília: Editora UnB, 2010. p. 155 – 164.

RIBEIRO, J. C. C., MIETO, G., SILVA, D. N. H.; A produção do Fracasso Escolar. In: MACIEL, D. A.& BARBATO, S. (Org). **Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar**. Brasília: Editora UnB, 2010. p. 189 – 203.

TUNES, E.; TACCA, M^a C. V. R.; JÚNIOR; R. S. B; **O professor e o ato de ensinar**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 35, n. 126. p. 689 – 698. set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n126/a08n126.pdf>> acesso em agosto de 2010.

TUNES, E.; TACCA, M. C. V. R.; MARTINEZ, A. M., **Uma crítica às teorias clássicas da aprendizagem e à sua expressão no campo educativo**. Linhas Críticas, Brasília, v. 12, n. 22, p. 109 - 130. jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.red.unb.br/index.php/linhascriticas/article/viewFile/16881312>> acesso em agosto de 2010.

VIRGOLIM, A. O aluno com Altas Habilidades. In: MACIEL, D. A.& BARBATO, S. (Org). **Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar**. Brasília: Editora UnB, 2010. p. 237 – 256.

APÊNDICE



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PG-PDS
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



Roteiro de entrevista- família

Dados do aluno:

Iniciais do nome do aluno: _____

Idade: _____ nascimento: ____ / ____ / ____

Escola: _____

Série: _____ Turma: _____ Turno: _____

Professora: _____

Dados Familiares:

Pai: _____ idade: _____

Telefone comercial: _____ celular: _____

Mãe: _____ idade: _____

Telefone comercial: _____ celular: _____

Residência: _____

Telefone: _____

Responsável: _____

Entrevista

Como soube da condição de seu filho?

O que você sabe sobre a deficiência de seu filho?

De quem você recebeu ajuda?

Você já participou de palestras sobre a deficiência de seu filho? Aonde?

Quais são os seus medos em decorrência do crescimento de seu filho?

Com quem você conversa a respeito?

Desde quando seu filho frequenta a escola?

Você sabe o nome do professor de seu filho?

Conhece a sala de aula dele?

Você sabe o que ele mais gosta de fazer na escola?

A escola percebe que seu filho tem alguma facilidade? Qual?

Quais são as dificuldades que a escola observa?

Você é convidado a participar de momentos na escola? Quais? Com que frequência?

Você já foi à escola para tratar das limitações de seu filho?

Em quais momentos você dividiu com a escola a tarefa de educar o seu filho?

Com quem conversou? Sobre o que trataram?

Você já orientou os professores de como lidar com as imitações de seu filho? A quem você deu estas dicas? Com que período retorna à escola para tratar sobre?

Você já recebeu orientações de como auxiliar o seu filho no processo de aprendizagem?

Você conhece os ajustes que a escola realiza para ensinar ao seu filho, atendendo as suas necessidades educacionais especiais?

Como você participa destes ajustes?

Você supervisiona/acompanha as atividades escolares de seu filho? Como?

Já te perguntaram o que deseja para seu filho?

Já foi à escola mesmo sem ser chamado?

Você acha que é importante manter contato com a escola?

A rotina familiar modificou após as informações que recebeu da escola? O que modificou, especificamente?



Roteiro de entrevista- professor

Data: ____ / ____ / ____

1. Identificação do aluno:

Iniciais do Nome: _____

Data de Nascimento: ____ / ____ / ____ idade: _____

Série/turma: _____ turno: _____

Instituição Educacional: _____ Tel: _____

Iniciais _____ do

Pai: _____

Iniciais _____ da

Mãe: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

Disciplina que o professor ministra:

Quais as dificuldades enfrentadas, em sala de aula, pela limitação do aluno?

Em quais momentos são mais evidentes?

Você solicita ajuda da família para minimizar as dificuldades?

Quando você julga importante a presença da família no processo de aprendizagem?

Para que a família é importante no processo de aprendizagem?

Qual a periodicidade você acha importante a família vir à escola para tratar do aluno com necessidade educacional especial?

Você julga que a família pode contribuir para a seleção da metodologia ao aluno com NEE? De que forma?

Em quais momentos você tratou com a família sobre a forma do aluno aprender?

Como foi esta troca?

Quais considerações o projeto político pedagógico faz sobre a participação da família no contexto escolar ao aluno com necessidades educacionais especiais?

Você acredita que o professor tem papel importante para a aceitação da família ao aluno com necessidades educacionais especiais?

Você acredita que a escola/professor contribui para que a família perceba as potencialidades do aluno com necessidades educacionais?

Para você, o professor é importante para o vínculo família/escola?

Você já perguntou aos pais o que eles esperam de seu filho com necessidades educacionais especiais?

Você considera os pais peças importantes para as decisões do processo educacional, como a metodologia e adequações?

Você já orientou os pais a como realizarem as tarefas escolares propostas para casa?

Você já recebeu alguma observação dos pais que contribuísse para a forma de ensinar ao aluno com necessidades educacionais especiais?

Você já solicitou aos pais que acompanhem as atividades escolares dos filhos com NEE? De que forma? Com que frequência?

Como você pode apoiar a família no processo de desenvolvimento de seu filho com NEE?

Você considera os apoios às famílias de alunos com necessidades educacionais especiais, oferecidos pela escola, suficientes?

Você sugere alguma outra atividade para este fim?

Você poderia participar de alguma? Qual?

Você já recebeu algum retorno da família sobre as mudanças ocorridas na vida familiar, após intervenções acadêmicas?

Como você se sente neste processo?



GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA REGIONAL DE ENSINO



Convite aos pais

Prezados Pais,

Convido aos senhores a participarem de uma pesquisa que estou fazendo para encerrar a monografia de pós- graduação junto à UnB. O assunto é sobre a inclusão. E o tema da minha pesquisa é Família e escola- Uma relação dialógica essencial para o processo de inclusão. A sua contribuição em participar da entrevista, que será gravada, será de grande importância para o meu trabalho. Agradeço a sua disposição e colaboração.

Caso concorde, compareça na escola, no dia _____/_____, às _____ horas.

Desde já agradeço.

Atenciosamente,

Viviane Orlandi Ribeiro- Psicóloga EEA

ANEXOS



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PG-PDS
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



A(o) Diretor(a)

DRE

De: Profa. Dra. Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Assunto: **Coleta de Dados para Monografia**

Senhor (a), Diretor (a),

A Universidade Aberta do Brasil - Universidade de Brasília está em processo de realização da 1ª oferta do curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do qual seis dentre as 20 turmas ofertadas são de professores e educadores da rede pública do DF (pólos UAB-UnB de Santa Maria e Ceilândia), além de alunos inscritos em outros pólos, mas que atuam nesta rede. Finalizamos agora a 1ª fase do curso e estamos iniciando a Orientação de Monografia.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com colegas, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desses trabalhos tem como objetivo a formação continuada dos professores/servidores da rede pública, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

Informo que foi autorizado pela Secretaria de Educação por meio do ofício nº. DEM datado de 28/10/2010, a realização das coletas de dados para as pesquisas na Rede Pública de Ensino do Distrito Federal.

Informações a respeito dessa autorização podem ser verificadas junto a Secretaria de Educação por meio dos telefones nº.

O trabalho será realizado pelo Professor/cursista Viviane Orlandi Ribeiro sob orientação, de Linair Moura Barros Martins, cujo tema é: “Família e Escola- Um relação dialógica essencial para o processo de inclusão”, possa ser desenvolvido na escola sob sua direção.

Desde já agradeço, colocando-me a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos nos telefones. (061) ou por meio dos e-mails:

Atenciosamente,

Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e
Inclusão Escolar



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais,

Sou orientando do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre “ Família e Escola- Um relação dialógica essencial para o processo de inclusão”. Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades, com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores neste contexto de ensino.

Constam da pesquisa entrevistas gravadas em áudios e vídeos no intuito de colher depoimentos da prática pedagógica a este público, com os senhores professores e com as famílias de alunos com necessidades educacionais especiais. Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Esclareço que esta participação é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar, sem que isto lhe acarrete qualquer prejuízo. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone 8433-7002, ou no endereço eletrônico vivianeorlandi@gmail.com. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Orientanda da professora Linair Moura Barros Martins UAB – UnB

Concorda em participar do estudo? () Sim () Não

Nome: _____

Assinatura: _____

E-mail (opcional): _____